CISION

VidaEconómica

ID: 58642506

02-04-2015 | AgroVida

Tiragem: 13700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Ambiente e Ciência

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 25,70 x 35,39 cm²
Corte: 1 de 4

ESPECIALISTAS OUVIDOS PELA "VIDA ECONÓMICA" COINCIDEM QUANTO À IMPORTÂNCIA DE PARCERIAS ENTRE A COMUNIDADE CIENTÍFICA, ASSOCIAÇÕES,

Estratégia para a Investigação e Inovação Agroali

O Ministério da Agricultura e Mar (MAM) acaba de apresentar publicamente a Estratégia da Agricultura e do Mar para a Investigação e Inovação Agroalimentar e Florestal no período 2014 – 2020, para cuja implementação vai receber 100 milhões de euros do Programa de Desenvolvimento Rural (PDR 2020). Ciente da importância desta Estratégia para o setor, a "Vida Económica" foi à procura de várias opiniões, das empresas às universidades, passando pelas estruturas associativas do setor. E as opiniões são unânimes: mais do que avaliar as dotações financeiras afetas à investigação e inovação – embora sem financiamento não haja resultados –, o importante é Portugal aplicar bem os fundos públicos e ter uma diretriz clara, formalizando parcerias entre a comunidade científica, as associações, cooperativas e as empresas que tenham impacto positivo na economia nacional.

TERESA SILVEIRA
teresasilveira@vidaeconomica.pt

ANÁLISE SWOT AO SETOR AGROALIMENTAR

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
• Qualificação científica dos recursos humanos do sistema científico e tecnológico nacional	• Grande fragmentação de instituições de investigação e falta de articulação entre elas
- Qualidade das Infraestruturas de investigação e experimentação	• Desenvolvimento de investigação fundamental, em detrimento de investigação aplicada
• Qualidade e adequação dos equipamentos científicos	• Reduzido número de patentes registadas
• Empresas de base tecnológica de elevado interesse económico e reconhecimento internacional	• Tempo de resposta desajustado às necessidades comerciais
• Empresas do agroalimentar com elevada base tecnológica e premiadas em todo o mundo	• Reduzida afetação de RH à inovação/investigação por parte das empresas
• Indústrias de base florestal (madeira, mobiliário, papel e cortiça) com níveis de especialização económica	• Especialização científica em atividades de baixa ou média intensidade de tecnologia
• Reorganização dos Laboratórios e da Estrutura de Investigação do MAM	• Carreira de investigação pouco aliciante, potenciando fuga de RH qualificados
• Interesse dos intervenientes para a inovação e investigação aplicada	• Ausência de definição de metas e de monitorização externa de resultados

O relatório "Science, Technology and Industry Scoreboard 2013", o último publicado pela OCDE, refere que os Governos em 2012 investiram, em média, o equivalente a 0,8% do PIB em financiamentos diretos à investigação e desenvolvimento (I&D) no próprio país e no estrangeiro. E Portugal encontra-se no grupo de países considerados "moderadamente inovadores", ocupando o 16º lugar no total dos 27 países, sobre os quais o estudo incidiu, e o sexto de entre aqueles que se encontram abaixo da média da União Europeia.

Por causa disso – ou talvez não –, o Ministério da Agricultura, depois de um processo de auscultação às empresas, organizações setoriais e entidades do sistema científico nacional (ESCN), apresentou a 20 de março, em Oeiras, a Estratégia para a Investigação e Inovação Agroalimentar e Florestal até 2020. Traçando orientações para o sucesso dos setores agrário, agroalimentar e florestal português, o documento fixa os eixos e as linhas orientadoras a seguir pelos seus laboratórios e estações experimentais, tendo em conta também o objetivo do Governo de trabalhar para o desígnio de garantir a autossuficiência alimentar em valor em 2020, através da aposta numa economia inteligente, sustentável e inclusiva, que promova a capacidade produtiva dos setores, o emprego e a coesão social.

O MAM, através da Secretaria de Estado da Alimentação e da Investigação Agroalimentar tutelada por Nuno Vieira e Brito, quer privilegiar a competitividade e a internacionalização das empresas e dos produtos nacionais, quer estimulando o aumento da I&DT+I nas áreas agroalimentar e florestal, quer

OS ESPECIALISTAS AVALIAM A ESTRATÉGIA DO MAM

JOÃO MIRANDA, CEO da Frulact e fundador do pólo "Portugal Foods"

"Pela primeira vez, temos uma visão articulada. As empresas efetuaram o seu diagnóstico e avançaram propostas, incluindo para a estratégia de internacionalização do agroalimentar, e o Estado reage de forma alinhada, criando condições para que estas desenvolvam o seu trabalho e se articulem com as entidades do sistema científico e tecnológico. Mais importante que uma verba alocada à investigação e inovação no setor é ter uma estratégia associada a uma diretriz clara, no sentido de a investigação estar "focada na oferta nacional e nos produtos endógenos, de forma a ser capaz de produzir com maior valor acrescentado, alinhada com as necessidades e expetativas dos consumidores e enquadrada com a estratégia de internacionalização da fileira", diz João Miranda. Afirmando que "a orientação do investimento na recuperação dos Laboratórios do Estado só peca por tardia", o CEO da Frulact diz que "finalmente temos o Ministério da Agricultura a interagir com o da Economia e temos uma Secretaria de Estado da Investigação Agroalimentar como todos os países desenvolvidos".

JOÃO SANTOS SILVA, Professor do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa e presidente do EUROAGRI

"O montante [de 100 milhões de euros do PDR 2020 para a investigação] será desagregado ao longo do modelo de inovação e, se assim for, estaremos a falar de atividades desde a investigação aplicada e desenvolvimento experimental até à validação e demonstração em situação real. Prefiro salientar o caráter mobilizador e replicador que este financiamento pode ter no posicionamento de 'players' nacionais em candidaturas de consórcios internacionais ao Horizonte 2020, diz João Santos Silva. "Portugal parte para este quadro após períodos de investimento em infraestruturas e na capacitação do seu capital humano", pelo que o seu posicionamento será "sobretudo estratégico". E "a conjugação das competências existentes obriga a consórcios, multifacetados, articulados com entidades de interface, capazes de efetivar o atual e o novo conhecimento e capazes de assumir métricas associadas a resultados operacionais". O presidente do EUROAGRI diz que quer ver "a aposta em ciências de base, que muito podem aportar aos vários setores".

MIGUEL CAMBEZES, Secretário-geral da AIT – Associação dos Industriais de Tomate

"A investigação e inovação são fatores críticos de sucesso do setor de tomate transformado português", diz Miguel Cambezes. A explicação para o sucesso "é simples e dupla": "uma elevadíssima concorrência internacional", para onde exportam cerca de 95% da produção (1,2 milhões de toneladas em 2014), e o facto de os "42 mercados-destino serem particularmente exigentes no que à qualidade e melhores práticas respeita". O tomate para indústria é o terceiro maior exportador [agroalimentar] do país e "o facto de estar no top-10 mundial de produtores de tomate (o terceiro maior na Europa e o oitavo no mundo) e de atuar num mercado altamente competitivo" obriga a "concentrar esforços na produtividade dos solos e na sofisticação das técnicas de produção e transformação". O novo centro de competências terá "investigadores e técnicos especializados com aposta clara em conhecimento e 'know-how'". Eis os ganhos esperados: + 10% na produtividade/hectare, - 10% nos custos de produção e + 10% nos dias da campanha. Objetivo: bater a Califórnia.

CISION

VidaEconómica

ID: 58642506

02-04-2015 | AgroVida

Tiragem: 13700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Ambiente e Ciência

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 25,70 x 34,93 cm²
Corte: 2 de 4

COOPERATIVAS E AS EMPRESAS

mentar e Florestal 2020 une parceiros do setor

promovendo parcerias com empresas e entidades nacionais e internacionais com o chamado sistema científico e tecnológico nacional (SCTN).

O documento procede também à reorganização dos laboratórios e estações experimentais do MAM, em articulação com as várias entidades do SCTN, mobilizando os agentes em torno de objetivos comuns, tais como a criação de clusters para o setor agroalimentar e florestal, centros de competências (do tomate, frutas, leite, azeite, carnes, mel, entre outros) e de grupos operacionais, numa estratégia alinhada com o programa Portugal 2020. E também como forma de responder à Estratégia Europa 2020, um plano a dez anos da União Europeia (UE) que definiu, prioritariamente, cinco objetivos a alcançar até ao final da presente década: emprego, inovação, educação, inclusão social e clima/energia, obrigando a, individualmente, os Estados-membros adotarem as suas próprias prioridades em cada uma dessas áreas.

Por sua vez, e num outro nível, o europeu, o novo Programa-Quadro da UE para a Investigação e Inovação visa promover a excelência científica e a liderança industrial. De um lado, temos o Horizonte 2020, que pretende afirmar-se como "líder mundial no domínio da ciência" e "contribuir para assegurar a liderança industrial em matéria de inovação" e que está dotado de um orçamento proposto pela Comissão Europeia de 24,6 mil milhões de euros, o que o torna o maior programa de financiamento de ciência e inovação do mundo.

Para além disso, a Comissão Europeia destinou ainda 31,7 mil milhões de euros à ciência e inovação na área dos grandes desafios societais, onde se inclui a segurança alimentar, agricultura sustentável, investigação marinha e marítima e bioeconomia. E, no caso de Portugal, a intervenção dos Fundos Europeus Estruturais e de Investimento (FEEI) – em especial o FEDER e o FSE – constitui, segundo o MAM, "um elemento impulsionador da correção dos principais constrangimentos do sistema nacional de inovação"

ONDINA AFONSO, Diretora executiva do pólo Portugal Foods

"Todos os apoios alinhados a uma estratégia comum são bem-vindos, principalmente se também servirem de suporte à internacionalização das empresas, pela valorização de produtos locais, com objetivos de autossuficiência", diz Ondina Afonso. Mas mais importante é "garantir a boa aplicação dos fundos e a orientação para os resultados". Já sobre os protocolos entre as organizações de produtores, universidades e empresas para dinamizar investigação aplicada, a diretora executiva da Portugal Foods fala de uma "perspetiva de integração de toda a cadeia", com as empresas transformadoras aí representadas. Aliás, "a Portugal Foods é um dos interlocutores capazes de representar empresas, no que refere às necessidades de inovação para suporte à internacionalização". E já desenvolveu "uma estratégia de internacionalização do agroalimentar com incidência em 17 grandes categorias de produtos", apontando "necessidades de ID&T e inovação como forma de diferenciação de Portugal em mercados internacionais alicerçados numa componente mais científica".

PEDRO QUEIROZ, Diretor-geral da FIPA – Federação das Indústrias Portuguesas Agroalimentares

"O mais relevante não será avaliar a dimensão da verba disponível mas a capacidade e vontade de investir em projetos colaborativos e com verdadeiro impacto na economia real", diz o diretor-geral da FIPA, pois "se os 100 milhões [a canalizar do PDR 2020] forem investidos em projetos agregadores e direcionados para o mercado, iremos assistir a um efeito multiplicador com impacto positivo no tecido empresarial". A Estratégia do MAM "reflete a vontade de conseguir uma boa articulação de todos os elos da cadeia de valor, com o objetivo de orientar melhor os projetos e o financiamento". O futuro "passa pelo desenvolvimento de produtos alimentares de valor acrescentado com qualidade superior, conveniência, disponibilidade e um custo acessível, que possam acompanhar as tendências dos mercados". Sem prejuízo de haver linhas orientadoras, "a ideia central não deve passar por definir subsetores estratégicos nem áreas muito específicas, mas criar uma rede permanente e otimizada de partilha de conhecimento que permita alavancar a competitividade".

LUÍS CAPOULAS SANTOS, EX-MINISTRO DA AGRICULTURA E RELATOR DA PAC 2014-2020, AVISA

"100 milhões para a investigação é incompreensível face à estratégia Europa 2020"

Vida Económica - O PDR 2020 vai cativar 100 milhões de euros para a investigação e inovação no agroalimentar até 2020. Parece-lhe uma verba suficiente para este período de programação?

Luís Capoulas Santos - Os 100 milhões representam apenas 1,2% do total de 8,1 mil milhões de euros do PDR 2020. Esta opção é incompreensível face à estratégia Europa 2020 e tendo em consideração programas anteriores, as especificidades da investigação e inovação na agricultura e floresta e o peso destes setores de atividade económica. Por exemplo, no programa de agricultura e desenvolvimento rural 2000-2006, apenas a medida de desenvolvimento tecnológico representava 2,8% da despesa pública total. E ainda havia outra medida de apoio a infraestruturas e equipamentos de desenvolvimento tecnológico e experimentação. Na agricultura e florestas, grande parte da investigação corresponde a um bem público que exige um forte empenho do Estado. Por exemplo, as práticas agrícolas sustentáveis que promovam a conservação dos solos ou a biodiversidade devem ser amplamente difundidas sem condicionantes de propriedade intelectual e tem de haver incentivos para investir nestas linhas de investigação e inovação. O setor agrícola e a floresta têm um peso modesto no PIB, mas ocupam cerca de 12% do emprego e são responsáveis pela gestão de quase todo o território. A meta do investimento em investigação é de 3% do PIB, uma ambição da Europa já desde 2000. Faz sentido que a investigação e inovação tenha apenas 1,2% do PDR2020?

VE - Numa recente entrevista à "Vida Económica", o secretário de Estado da Alimentação fala no estabelecimento de protocolos de conhecimento entre as organizações de produtores (OP), universidades e as empresas. São estes os interlocutores certos?

LCS - Certamente que se tem de estar de acordo com as parcerias entre a comunidade científica e a prática agrícola. Esse é precisamente o objetivo da parceira europeia para a inovação na agricultura. Quanto à necessidade e imprescindibilidade das parceiras entre a comunidade científica e as associações, cooperativas e empresas, não há qualquer dúvida. Mas a questão não pode ser vista de forma tão simplista. Importa relembrar que já existem iniciativas anteriores similares. Temos os centros tecnológicos e operativos, como o COTHN, o COTR e o COTARROZ. Este trabalho deveria ter sido precedido de um estudo sobre as várias associações e estratégias de eficiência coletiva na investigação e inovação agroalimentar e florestal, identificando os fatores de sucesso e os riscos. Por outro lado, os fatores críticos serão já à partida a existência de recursos financeiros. Sem financiamento não haverá atividades. Estas parcerias têm de integrar as instituições competentes – investigadores e infraestruturas –, mas têm também de ter capacidade de contratar recursos humanos qualificados, sejam investigadores ou trabalhadores de campo, flexibilidade de gestão, um sistema de monitorização e avaliação e uma governação adequada à missão, atividades e sustentabilidade económica e financeira. Em nota conclusiva, é preciso financiamento, uma governação adequada e ser sustentável.

VE - Quais são, dentro do agroalimentar, as áreas/subsetores estratégicos mais críticos e em que esta investigação deveria apostar prioritariamente?

LCS - As áreas mais críticas estão associadas à competitividade, à sustentabilidade dos ecossistemas e à resposta aos principais desafios societais: a competitividade e uso eficiente dos recursos, nomeadamente pela aplicação de tecnologia sofisticada à agricultura; a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, nomeadamente pela conservação do solo, da água, da biodiversidade agrícola e proteção de conservação; a produção de alimentos mais seguros e saudáveis e de maior valor acrescentado; a valorização dos recursos endógenos e o seu contributo para o desenvolvimento local; a criação de mais valor ao longo da cadeia alimentar, com atenção para a concentração da oferta, os circuitos curtos, a inovação de marketing e organizacional; a resposta aos principais desafios societais, como as alterações climáticas.

CISION

VidaEconómica

ID: 58642506

02-04-2015 | AgroVida

Tiragem: 13700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Ambiente e Ciência

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 9,57 x 3,67 cm²
Corte: 3 de 4

Estratégia para a Investigação e Inovação Agroalimentar e Florestal 2020 une parceiros do setor

P. 2 e 3

CISION

VidaEconómica

ID: 58642506

02-04-2015 | AgroVida

Tiragem: 13700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Ambiente e Ciência

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 5,14 x 7,13 cm²
Corte: 4 de 4

AGROVIDA

Estratégia para a Investigação e Inovação Agroalimentar e Florestal 2020 une parceiros do setor

Págs. 2 e 3